

**Novas Geografias Alimentares e Espaços de Poder: uma análise a partir da abordagem
do Cubo de Poder em assentamentos rurais do Nordeste**

***New Food Geographies and Spaces of Power: an analysis based on the Power Cube
approach in rural settlements in Northeast Brazil***

Josemar Hipólito da Silva

Consultor IICA, Membro do GEPAD/UFRGS. Aracaju, Sergipe (SE), Brasil

GT6. Cooperativismo, associativismo e demais ações coletivas no meio rural

Resumo:

Os alimentos para além de sua dimensão biológica, constitui uma categoria sociológica, geográfica, social e política central para compreensão das relações de poder contemporâneas e dinâmicas espaciais e territoriais. Este artigo analisa a reterritorialização dos alimentos e a formação de Mais e Melhores Mercados Alimentares em assentamentos rurais do Nordeste, a partir das Novas Geografias Alimentares e Abordagem do Cubo de Poder. Com o objetivo de demonstrar que assentamentos rurais e mercados agroalimentares são espaços de poder privilegiados para a emergência de contramovimentos no rural do Nordeste brasileiro. Destacando como os processos (re)configuram espaços de poder e resistência, frente ao modelo do sistema agroalimentar hegemônico. O estudo fundamenta-se nas contribuições teóricas fundamentadas na Geografia Crítica, Sociologia Rural e Economia Política, mobiliza o conceito de reterritorialização (Raffestin, Haesbaert) articulando à perspectiva do poder, a partir da abordagem do Cubo de Poder (John Gaventa). A pesquisa adota metodologia qualitativa, analisa estudos de casos múltiplos, utiliza revisão teórica, aplicação de entrevistas e questionários semiestruturados, análise documental e de conversação com atores estratégicos. Os resultados evidenciam que os assentamentos rurais não são apenas unidades de (re)produção social, política e agrícola, são espaços de poder que constituem territórios alimentares. A reterritorialização se expressa na preservação de saberes e práticas culinárias tradicionais, adoção da agroecologia e criação e acesso a "Mais e Melhores Mercados alimentares" para a agricultura familiar. Conclui-se que a reterritorialização dos alimentos e a formação de espaços de poder, contribui não apenas para a segurança e soberania alimentar, mas para a formação de territórios alimentares, nos quais o alimento é eixo de resistência e transformação social, produtiva, política e econômica.

Palavras-chave: alimentos, novas geografias alimentares, abordagem do cubo de poder, contramovimentos.

Abstract:

Beyond its biological dimension, food constitutes a central sociological, geographical, social, and political category for understanding contemporary power relations and spatial and territorial dynamics. This article analyzes the reterritorialization of food and the formation of More and Better Food Markets in rural settlements in Northeast Brazil, based on the New Food Geographies and the Power Cube approach. The aim is to demonstrate that rural settlements and agri-food markets are privileged spaces of power for the emergence of counter-movements in rural Northeast Brazil. It highlights how these processes (re)configure spaces of power and resistance in the face of the hegemonic agri-food system model. The study is based on theoretical contributions from Critical Geography, Rural Sociology, and Political Economy, mobilizing the concept of reterritorialization (Raffestin, Haesbaert) and articulating it with the perspective of power, using the Power Cube approach (John Gaventa). This research adopts a qualitative methodology, analyzes multiple case studies, utilizes theoretical review, application of semi-structured interviews and questionnaires, document analysis, and conversations with strategic actors. The results show that rural settlements are not only units of social, political, and agricultural (re)production, but also spaces of power that constitute food territories. Reterritorialization is expressed in the preservation of traditional culinary knowledge and practices, the adoption of agroecology, and the creation of and access to "More and Better Food Markets" for family farming. It concludes that the reterritorialization of food and the formation of spaces of power contribute not only to food security and sovereignty, but also to the formation of food territories in which food is the axis of resistance and social, productive, political, and economic transformation.

Keywords: Food, new food geographies, the power cube approach counter-movements.

1. Introdução

Os sistemas alimentares contemporâneos estão inseridos numa ampla agenda de pesquisa nacional e internacional que concentra esforços na busca por mudanças de direcionamentos associados à produção, beneficiamento, comercialização e consumo de alimentos. A importância dos debates ancorados em reflexões e discussões representadas pelas condições e possibilidades existentes nas relações de poder e os espaços por ela produzidos, conduzem nossas reflexões e em diferentes das formas de poder presentes no processo de globalização dos sistemas alimentares (Silva, 2023).

O processo de globalização consolidou os mercados a partir do aprofundamento da reestruturação capitalista, combinando processos que fortalecem os distanciamentos e a compreensão de relações produzidas no espaço-tempo. Esse movimento promove avanços em direção de uma notável heterogeneidade social e espacial nas áreas rurais, sendo estas palco do que Polanyi (2021) denominou “moinho satânico”, que toma de assalto todas as esferas da vida social.

Nesse contexto, existem cadeias agroalimentares produtoras de alimentos que atendem aos ‘*movimentos*’ associados aos processos de desenraizamento, desvinculação e desconexão dos alimentos. Assim, as mudanças emergem desse ‘*duplo movimento*’ apresentado por Polanyi (2021), no caso em questão, na forma de ‘*contramovimentos*’ destinados a combater os impactos promovidos pelos movimentos criados e impulsionados pelo sistema agroalimentar contemporâneo. Conforme apontam Schneider e Escher (2011) esse avanço ocorre acompanhado de contramovimentos de resistência e autopreservação produzidos pelos atores sociais impactados pelos movimentos.

Para analisar o exercício do poder materializado a partir das territorialidades dos e analisado pelo duplo movimento, é necessário explorar determinações para entender como são formados e organizados os territórios alimentares e os mercados agroalimentares. Identificando quais são as forças sociais e políticas que constroem e regem as relações, os mecanismos de controle e dominação presentes nesses territórios (Silva; Schneider, 2024).

O presente artigo tem como objetivo analisar os contramovimentos produzidos a partir dos alimentos, identificando como se manifestam e criam espaços de poder e formas de poder. A análise está amparada na abordagem do Cubo de Poder proposta por John Gaventa (2006) e amparada no aporte teórico das Novas Geografias Alimentares (NGA). Buscando compreender as estratégias, relações e configurações construídas a partir dos atores, recursos e instituições.

A pesquisa fundamenta-se em estudos de casos múltiplos realizados em assentamentos rurais nos estados de Alagoas e Sergipe, utilizando dados primários coletados por meio de entrevistas, conversas informais, relatórios e documentos técnicos e estudo que integram tese de doutorado. Por fim, são tecidas considerações acerca das potencialidades e limites da abordagem para a compreensão dos contramovimentos e das alternativas presentes nos sistemas agroalimentares.

2. Revisão da Literatura

Explorar as possibilidades e direcionamentos teóricos construídos por Foucault para analisar o poder como uma relação de força que existe em ação, ou seja, um exercício e não uma relação de troca. Podendo ser tratado a partir da soberania política, das relações de produção, dominação de classe e como ato jurídico, no caso aplicado as análises das NGA. Raffestin (1993, p. 56) traduz em sua obra como, [...] *todo ponto de exercício do poder é ao mesmo tempo um lugar de formação do saber*.

Nesses termos, o processo de globalização inserido nos sistemas agroalimentares consolida os mercados a partir do aprofundamento da reestruturação capitalista, combinando processos que fortalecem os distanciamentos e a compreensão de relações produzidas no espaço-tempo. Promovendo uma notável heterogeneidade social e espacial nas áreas rurais, esses espaços são palco do:

[...] “moinho satânico” toma de assalto todas as esferas da vida social e, o mundo rural, de forma alguma se isenta desta influência. Mas se é verdade que há um “movimento” de aprofundamento da sociabilidade capitalista e do intercâmbio mercantil na agricultura e no espaço rural, também é certo que isso ocorre sem contestações e “contramovimentos” (Marsden, 1999; Schneider; Escher, 2011, p. 208).

Os processos que são engendrados de fora para dentro (movimentos do Kapital) criados exclusivamente no nível da paisagem sociotécnica pelas cadeias agroalimentares globais. E os de dentro para fora (os contramovimentos das NGA) criados nos domínios do regime sociotécnico e dos nichos e novidades gerados nos assentamentos rurais e analisados em termos do poder (Silva, 2023; Silva; Schneider, 2024). Para compreender como ocorrem os processos de movimento e contramovimento em determinado espaço-território, é necessário examinar as formas e relações de poder construídas entre eles. Nesse sentido, mobiliza-se a abordagem do Cubo de Poder apresentada por Gaventa (2006) para analisar a formação de espaços de poder, relações de poder e formas de poder.

Esses processos estão representados a partir do *duplo movimento* que apresenta contradições internas do sistema de mercados, visto como regulador das atividades econômicas da sociedade e dos sistemas alimentares globais. Essa contradição apresenta os *movimentos* que promovem a expansão e a sociabilidade das relações capitalistas no espaço-tempo, imprimidas pelo processo de adaptação ao intercâmbio mercantil. Por outro lado, surgem os *contramovimentos* contestatórios que pressupõem relações de autopreservação para a sociedade contra os assaltos do ‘moinho satânico’ analisado por (Polanyi, 2021; Schneider; Escher, 2011).

Vail (2022, p. 204) analisa um cenário para o *duplo movimento*, no qual estão representados por uma ordem social complexa e relacional. A reprodução dos processos depende da contestação realizada entre os atores econômicos, políticos e sociais, representando interesses divergentes e conflitantes gerados pelo mesmo duplo movimento. Nesse caso, as divergências são políticas e históricas, promovem seu próprio funcionamento e gera ‘equilíbrio instável’ entre movimento e contramovimento.

Maye (2025, p. 12) e outros, esclarecem que ao concebermos o poder nos sistemas agroalimentares, as abordagens da economia política fornecem uma lente útil para questionar a organização dos mercados agroalimentares analisando criticamente quem se beneficia e quem perde nessa relação de poder. Reforçando a concepção do poder a partir do *duplo movimento* que conceitua o poder e a resistência de forma funcional, reforçando reações espontâneas e defencivas motivadas pelos impactos negativos da expansão capitalista nos sistemas agroalimentares.

Nesse cenário, compreender os *contramovimentos* imersos nos conjuntos de relações enraizadas nos espaços de poder produtores de alimentos, implica aceitar que os agricultores familiares assentados e os camponeses estão inseridos em práticas imersas e heterogêneas. Que defendem e criam melhorias e autonomia para suas vidas ao promoverem autoproteção do tecido humano, da natureza exterior ao homem e das diferentes dimensões que integram as sociabilidades e os processos econômicos e políticos. Entregando respostas eficazes aos problemas criados pelas cadeias alimentares globais nas diferentes escalas geográficas e operacionais (Silva, 2023).

Desse modo, para falar em resistência e *contramovimentos* em espaços onde o poder está enraizado. Deve-se entender as relações e transformações presentes na resistência da matéria, no corpo social e político existentes nos territórios alimentares. Nos espaços de poder estão presentes parte das informações coletadas, a partir dos dados primários (entrevistas, conversas, relatórios e documentos técnicos) utilizados nas pesquisas que originaram esse texto.

Para o caso das dinâmicas alimentares e espaciais o poder mobiliza meios, elementos e recursos para definir combinações entre energia e informação, formas e fluxos, materialidades

e imaterialidades. Esses elementos constituem o poder a partir de componentes da energia. O inverso desse processo também é constituído por elementos e componentes informacionais para os diferentes fluxos, formas do poder e atores envolvidos na produção e comercialização de alimentos. Onde, [...] *o poder tem como objetivo o controle e a dominação sobre os homens e as coisas* (Raffestin, 1993, p. 55).

Para os estudos das NGA o território é indispensável, uma vez que é o espaço do poder, o lugar das relações mercantis e o local dos alimentos. Essas relações não se baseiam somente na entrada de capital na agricultura a partir das cadeias agroalimentares globais a dos mercados de “*commodities*”. Nem tão pouco, na presença dos conglomerados empresariais do agronegócio com influência em setores políticos, financeiros e imobiliários (Silva, 2023).

Os territórios sem os atores e instituições se tornam apenas potencialidades que integram estatísticas, estratégias que organizam processos presentes nas cadeias agroalimentares globais. Os recursos determinam os horizontes possíveis para as relações e ações voltadas a produção e comercialização dos alimentos, condicionando os caminhos, alcances e acessibilidades dos atores sociais aos recursos disponíveis nos espaços de poder (Silva, 2023).

Ao refletir sobre os trunfos associados ao poder, os assentamentos rurais tornam-se trunfos particulares no processo de produção e comercialização dos alimentos. Seja no convívio com adversidades regionais e climáticas no caso dos assentamentos rurais. Os espaços de poder se transformam nos campos de ação dos trunfos, como um recurso e entrave, tudo ao mesmo tempo, como alertam as diferentes armadilhas localistas e territorialz (Silva; Schneider, 2024).

O espaço está intimamente associado as relações de poder construídas entre os atores, instituições e os recursos. Essas relações determinam as formas de cultivos (sequeiro ou irrigado), os modelos de agriculturas (convencional, orgânica e agroecológica) e o acesso a mais e melhores mercados. Proporcionando a percepção de quais estratégias e alternativas de *contramovimentos* devem ser selecionadas para serem consolidadas no enfrentamento aos sistemas alimentares hegemônicos (Silva; Schneider, 2024).

O cenário ideal para o poder são os espaços onde é possível atuar com os símbolos, explorando o imaginário, discursos e as narrativas dos atores (produtores, atravessadores, comerciantes e consumidores) fixando o concreto na sociedade. Esses processos fragilizam o poder afastando o trunfo realista (o concreto) e o trunfo imaginário (o simbólico) desses espaços. Os processos representam a multifuncionalidade dos espaços e contribuem para o surgimento do poder na perspectiva relacional apresentada por (Foucault, 1976).

Goodman e Watts (1997) argumentam sobre a necessidade de construir e utilizar abordagens que explorem uma visão geral da questão agrícola e agrária para os estudos

agroalimentares, explorando novos caminhos para o desenvolvimento rural. Marsden (1997) avança nesses argumentos, explorando as relações que motivam a criação de espaços direcionados à produção de alimentos que exploram novos processos e dinâmicas. Buscamos compreender as estratégias e configurações construídas a partir do poder presente nos espaços de produção e comercialização de alimentos dos assentamentos rurais analisados. Entendendo como as territorialidades dos alimentos acessam os atores, recursos e instituições presentes nos espaços de poder. Acredita-se que as formas e níveis de poder interagem com os espaços, arenas, redes de ação e participação formadas por atores sociais.

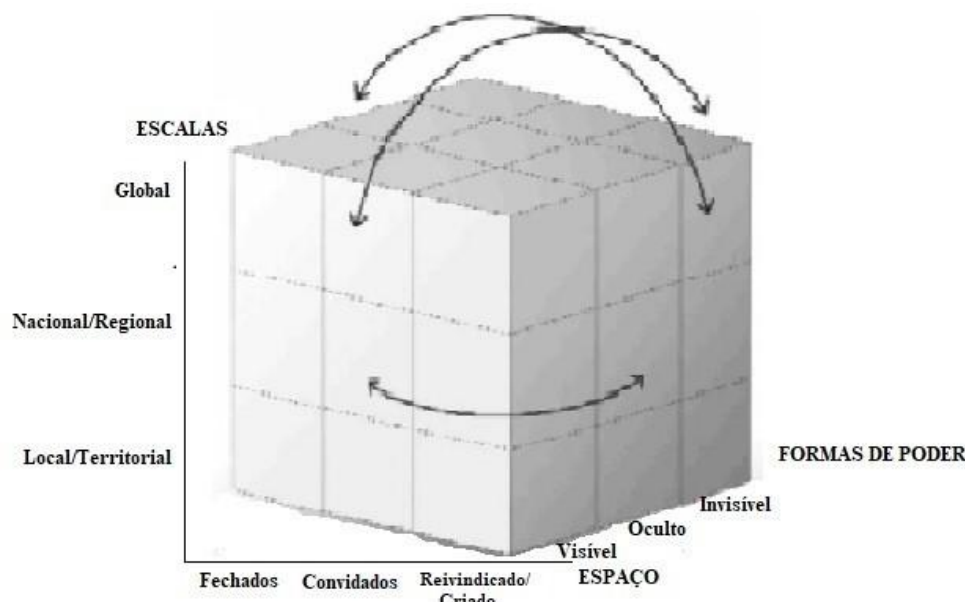
A abordagem do cubo de poder representada graficamente a partir do Cubo de Rubik, figura 01, a seguir, apresenta os caminhos analíticos para atender aos interesses almejados pela abordagem das NGA. Nesse caso, os espaços, lugares e as formas de poder estão atrelados às relações, processos e dinâmicas presentes nos sistemas agroalimentares. Os lados do cubo representam as dimensões formadas pelos processos construídos nos espaços de poder. Essas dimensões estão conectadas a partir de níveis de poder e escalas geográficas, onde são materializadas os processos e relações. Nos espaços analisados existem relações de poder com aplicações diversas que ocorrem a partir de ligações, processos e dinâmicas que envolvem atores engajados em instituições e movimentos sociais que almejam valores democráticos materializados nos territórios alimentares e espaços de poder (Gaventa, 2006).

O cubo de poder apresenta “três lados” que não representam em si conceitos, porém, contribuem para interação das três noções usuais para analisar o poder, na prática são trabalhadas o poder (visível, oculto e invisível) como destacado na figura 01. Essas noções foram construídas a partir de debates sobre como o poder opera as dinâmicas e processos de tomada de decisão, entendendo como se materializam nos espaços. Essa abordagem permite usar e aplicar as três formas de poder e os espaços, em vez de se limitar a uma única posição dentro do debate teórico analítico analítico (Silva, 2023; Gaventa, 2006).

Usualmente essa abordagem apresenta dois domínios (os níveis e os espaços) que representam as dinâmicas espaciais. Porém, a partir de pesquisa realizada por Silva (2023), foram propostas adaptações pertinentes ao adicionar um terceiro domínio (as escalas) para utilização da abordagem junto as NGA. É de grande importância a inserção desse terceiro domínio pela necessidade de estabelecer conexões e relações com as estruturas, os espaços de poder e os processos de *contramovimentos*. Esses influenciam diretamente nas relações de poder e dinâmicas e representações inseridas nos lados do cubo de poder (níveis, espaços e escalas). Explorar a capacidade de ir além nas análises e no exercício de tomada de decisão, compreendendo como o poder é constituído dentro e entre os diversos atores, instituições e

lugares (Gaventa, 2006).

Figura 01 - O cubo de poder: as escalas, espaços e formas de poder



Fonte: Adaptado de: Gaventa (2006).

Os argumentos construídos por Gaventa (2008) e outros sobre o entendimento do “poder” na abordagem do cubo de poder incluem não apenas o “poder sobre” ou “poder como” (controle e dominação), mas também o poder na forma de resistência e produtor de alternativas e inovação. Dessa forma, o poder visível, oculto e invisível são mobilizados de maneira consciente ou inconsciente. São compreendidos como estratégias de *contramovimentos*, desafiando e transformando as relações de poder, as instituições e os atores sociais dos espaços.

Reconhecer a presença das formas e estruturas existentes nos *contramovimentos* existentes nos espaços de poder produtores de alimentos, torna possível os “três lados” serem compatíveis, tanto conceitualmente quanto nas aplicações para os estudos agroalimentares no Sul Global. Isso possibilita construir combinações e aplicações possíveis com os domínios de transformação (Silva, 2023; Silva, Scheneider, 2024). Essas combinações e expressões do poder são utilizadas, como: “poder sobre”, “poder para”, “poder com” e “poder interior” (Gaventa, 1980; Rowlands, 1997; Veneklasen e Miller, 2002). As concepções de poder quando relacionadas, lançam luz sobre mudanças promovidas por dinâmicas de dominação e resistência que contribuem para expor quem tem mais ou menos capacidade de agir frente as formas de poder (Gaventa, 2006).

As formas de poder¹ (visível, oculto e invisível) são úteis porque alerta que o poder nem sempre é negativo e opressivo. Podendo ser positivo e até mesmo fonte necessária e incontestável na produção de novidades, inovação, criatividade, resistência e mudanças progressivas a partir dos *contramovimentos*, são exemplos os resultados apresentados nas figuras 02 e 03 mais adiante. Esses processos podem ser acessados e mobilizados como parte das estratégias de mudança apresentadas nos espaços de poder analisados. As formas de poder visíveis representam disputas por interesses que são visíveis nos lugares, territórios e espaços públicos ou não.

São compostas por discursos e narrativas orientadas aos interesses individuais e coletivos de atores e agentes públicos dos espaços de poder presentes nos sistemas alimentares. Esses espaços se referem aos órgãos políticos, empresas públicas ou privadas com legislaturas, órgãos de governo locais, assembleias locais, fóruns consultivos, associações e cooperativas. No entanto, podem igualmente aplicar-se às arenas decisórias dessas institucionalidades, até mesmo os movimentos sociais de ação coletiva e resistência. O poder visível pressupõe que as arenas de tomada de decisão são campos de jogos neutros (Gaventa, 2006).

Quanto ao poder oculto nos espaços de poder analisados nas figuras 02 e 03 são praticados a partir de interesses investidos na manutenção do poder e privilégios de alguns produtores e atravessadores. Isso cria barreiras à participação e exclui questões-chave dos espaços de poder e arenas públicas, controlando a política nos bastidores. Essa prática pode ocorrer não apenas dentro de processos políticos, mas também em contextos organizacionais e produtivos, sendo a principal causa para o fechamento das cooperativas e a desmobilização do cooperativismo nos espaços analisados (Silva, 2023).

Esses processos são conduzidos por diferentes grupos enraizados nos locais de trabalho, de produção, beneficiamento e comercialização dos sistemas alimentares. Através das formas ocultas de poder as escolhas são controladas e limitadas, com baixas ocorrências na produção de alternativas e inovações. As populações mais vulneráveis são mais fragilizadas, e suas preocupações e necessidades são excluídas e renunciadas. As regras do jogo são manipuladas

¹ Para Gaventa (2003, p. 4) as reflexões formuladas por Foucault sobre o **discurso e as narrativas** se tornarem ferramentas essenciais para o funcionamento do poder e a manifestação de suas formas. E como, o poder é entendido como veículo constituído de saberes e sujeitos que exercem papel fundamental nas relações de poder (controle e dominação). Uma vez que, também possibilita estabelecer processos de **resistência** na construção de contramovimentos. Assim, [...] *os discursos não são de uma vez por todas subservientes ao poder ou se levantam contra ele... devemos levar em conta o processo complexo e instável pelo qual um discurso pode ser tanto um instrumento quanto um efeito de poder. Mas também um obstáculo, um ponto de tropeço de resistência e um ponto de partida para uma estratégia oposta. O discurso transmite e produz poder; reforça-o, mas também o mina e expõe, fragiliza-o e permite frustrá-lo*” (Gaventa, 2003, p. 4, tradução própria). Os discursos estão presentes em toda sociedade e o poder está em toda parte, o mesmo, vale para a resistência encontrada em todos os pontos, nas contestações, nos *contramovimentos*, nas fugas ou tentativas, e na subversão e contestação das estratégias de poder.

e tendenciosas operando diretamente contra os atores (Silva, 2023).

Segundo Gaventa (1980) embora possa ser menos visível, o poder oculto ainda pressupõe que as pessoas estão cientes e são capazes de articular reações, ou seja, *contramovimentos*. Esses podem ser investigados olhando para fora das arenas e espaços formais e públicos de tomada de decisão. Nesses são procurados vozes de descontentamento que são excluídas das vistas dos atores que constroem *contramovimentos* de resistências, frente aos processos segregadores e excludentes presentes nos sistemas alimentares.

No entanto, o poder invisível vai um passo além na discussão abordada pelo poder oculto. Envolve artifícios pelos quais a consciência dos próprios direitos e interesses são ocultados através da adoção de ideologias, valores e formas de relações e comportamentos dominantes. Na sua maioria, são impostos aos atores mais vulneráveis e impotentes a partir das narrativas e discursos. Não raro, esse processo também é referido como a internalização da impotência, afetando a consciência, as questões e conflitos presentes nos espaços, até mesmo pelos que são diretamente afetados pelo poder (Gaventa, 1980).

No poder invisível os atores não estão cientes de seus direitos e capacidade de falar, de agir e ser ouvidos, esse fator possibilita o surgimento de diferentes formas de controle e dominação. Essas condições são entendidas como “naturais” e imutáveis, portanto, inquestionáveis pelos atores dominados e nutridas pelos atores dominantes. Os agricultores familiares pobres, por exemplo, aceitam muitas vezes sua realidade como ‘*status quo*’ ou fruto de uma realidade social naturalizada no imaginário social, ou até além, fruto de determinismos ambientais e geográficos. No entanto, sua realidade está representada por enormes desigualdades nas diferentes dimensões presentes nos espaços de poder. Onde são internalizadas narrativas dominantes da pobreza e (Silva, 2023; Gaventa, 1980).

Embora os três conceitos sejam apresentados separadamente no cubo de poder (figura, 01 acima), na prática eles estão conectados e inter-relacionados. E podem ser representados por relações e *movimentos* criados por atores hegemônicos dos sistemas alimentares. Esses podem moldar barreiras que impedirem os atores de se envolverem nos espaços de poder (Silva, 2023).

Apesar disso, o poder (oculto e invisível) é cumulativo e inter-relacionado com os espaços de poder e os interesses dos atores hegemônicos dos sistemas alimentares. Nesse sentido, as estratégias de mudança devem se inter-relacionar para fortalecer umas às outras, construindo a formação de *contramovimentos* com capacidades de se estruturar e se manifestar como espaços em múltiplas escalas de poder (Silva, 2023).

Em linhas gerais, os espaços analisados e representados a partir do cubo de poder exercem influência determinante sobre como as relações são construídas e estabelecidas entre

os atores, recursos e instituições. Isso leva em consideração dinâmicas e processos presentes nas cadeias agroalimentares globais, bem como nas alternativas presentes nos espaços de poder. Assim, os espaços fechados caracterizam-se pela falta de transparência nas tomadas de decisão, na prestação de contas e na participação popular. Muitas vezes, comprometem a formação de *contramovimentos* ou extinguem os que estão em curso, promovendo a permanência ou o surgimento de desigualdades ocultas, resultantes dos *movimentos* construídos por atores hegemônicos (Silva, 2023).

Outro espaço conectado pela abordagem do cubo de poder tem relação com os espaços convidados existentes nos espaços de poder dos sistemas alimentares. São aqueles em que os produtores, consumidores e formuladores de políticas se reúnem para consultar, dialogar e comercializar alimentos com seus pares e a sociedade. Embora esses diálogos possam ocorrer em muitos outros espaços, os espaços convidados dependem da participação convidada. Exploram questões sociais, políticas e democráticas, no nosso caso, questões associadas aos processos e dinâmicas alimentares. Esses espaços tornam-se “fechados e visíveis” por representarem um novo ponto de entrada para as ações que combatem a desigualdade e os movimentos do agronegócio nos sistemas alimentares (Silva, 2023; Gaventa, 2003).

Os espaços criados/reivindicados estão inseridos na estrutura do cubo de poder sugerindo prerrogativas, ações e iniciativas de *contramovimentos* voltados a modelos de produção de alimentos, aos tipos de agriculturas e às relações e processos empregados nas dinâmicas alimentares. Além disso, englobam os atores que estão engajados nos diferentes espaços de poder institucionalizados e reivindicados nos sistemas alimentares alternativos. Isso ocorre nos próprios espaços “reivindicados”, seja em atos de resistência em pequena escala ou em protestos envolvendo movimentos sociais de maior escala de alcance (Silva, 2023; Gaventa, 2003).

3. Metodologia

O artigo em questão teve como objetivo demonstrar que os assentamentos rurais e mercados agroalimentares são espaços de poder privilegiados para a emergência de *contramovimentos*. Analisar as relações de poder e os espaços de poder associados as diferentes territorialidades dos alimentos em assentamentos rurais do Nordeste brasileiro. Para tanto, adotou-se uma abordagem metodológica qualitativa, fundamentada no método estruturalista, o qual possibilitou a compreensão dos fenômenos a partir do movimento entre o concreto e o abstrato, permitindo interpretar as dinâmicas espaciais e alimentares em múltiplas escalas.

Quanto à classificação, a pesquisa caracteriza-se como histórico-geográfica, exploratória e descritiva. Utilizando a abordagem do Cubo de Poder para analisar os processos e relações sociais, políticos e ambientais em sua relação espaço-tempo. A dimensão exploratória foi desenvolvida por meio de levantamento bibliográfico e documental, visando aprofundar o conhecimento sobre a temática que está aprofundada em tese de doutorado. Já a pesquisa descritiva possibilitou caracterizar os assentamentos rurais, suas dinâmicas produtivas e as relações socioterritoriais consolidadas ou não.

O delineamento empírico baseou-se no estudo de múltiplos casos, contemplando dois assentamentos rurais localizados nos estados de Sergipe e Alagoas. A seleção dos casos considerou critérios relacionados ao recorte espacial, às dinâmicas de (re)territorialização dos alimentos e à presença de *contramovimentos* nos sistemas agroalimentares, garantindo coerência entre o objeto de estudo e o universo pesquisado.

A coleta de dados envolveu fontes primárias e secundárias. As fontes primárias foram obtidas por meio de entrevistas semiestruturadas com atores sociais e institucionais, observação direta (extensiva e intensiva) e registros em diário de campo. Para definição da amostra, utilizou-se a técnica “*snowball*”, baseada na indicação de informantes-chave até atingir o ponto de saturação das informações. As fontes secundárias incluíram dados estatísticos, documentos institucionais e literatura acadêmica provenientes de bases como IBGE, Incra e Codevasf, entre outros.

O tratamento e a análise dos dados foram realizados por meio da análise de conteúdo e da análise de conversação, permitindo interpretar discursos, narrativas e práticas sociais dos sujeitos pesquisados. Dessa forma, os procedimentos metodológicos adotados possibilitaram compreender as dinâmicas alimentares e espaciais, suas relações com os espaços e formas de poder, evidenciando processos de transformação territorial e a emergência das NGA para o contexto do sul global e Nordeste brasileiro.

4. Discussão dos Resultados

Ao problematizar os resultados a partir das disparidades do poder existentes nos sistemas alimentares e materializadas nos respectivos espaços, territórios e lugares analisados. Os quadros analíticos apresentados a seguir foram construídos a partir dos dados e informações que integram tese de doutorado de (Silva, 2026). Esses espaços representam o entendimento, funcionamento e operacionalização da abordagem das NGA para analisar os territórios alimentares.

Essas representações gráficas buscam sistematizar as informações e percepções extraídas nos trabalhos de campo realizados em três assentamentos rurais dos estados de Sergipe e Alagoas. Em se tratando da construção dos espaços de poder, o processo de reterritorialização dos alimentos confirma nossa principal hipótese, que é demonstrar que os assentamentos rurais são importantes espaços produtores de alimentos para subsistência de suas populações e para comercialização. Assim, a abordagem do Cubo de Poder utilizada e adaptada na proposta discutida, apresenta uma variedade de relações e dinâmicas a partir de posições culturais, políticas, sociais, econômicas e produtivas para os sistemas agroalimentares.

No assentamento Colônia Pindorama, localizado no Território dos Tabuleiro Sul de Alagoas, foram constatadas que a construção dos espaços de poder ocorrem com a participação direta de empresas públicas (Embrapa, Empresas do Sistema 'S' e a Emater). Essas parcerias estimulam e promovem a construção de novos territórios alimentares a partir da territorialização de alimentos, promovendo a diversificação produtiva.

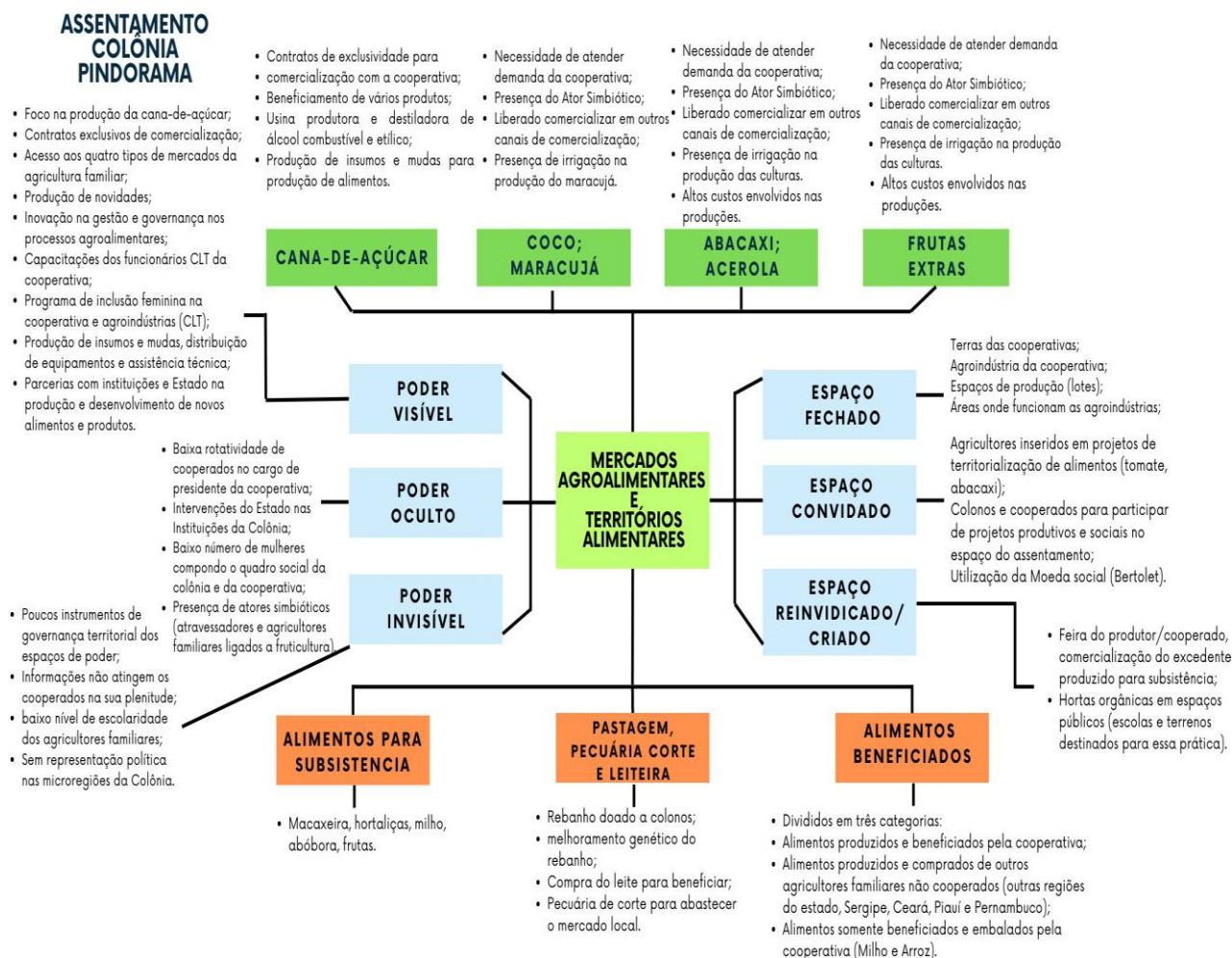
Essas iniciativas concretizam abertura de mais e melhores mercados a criação de novos produtos derivados dos alimentos produzidos nesse território. A presença dos *atores simbióticos*, determinantes para o sucesso da territorialização das novas culturas alimentares no território. Uma vez que, possibilita aos agricultores familiares assentados deixarem de cultivar determinadas culturas alimentares e iniciarem outras. A goiaba impõem dificuldades no manejo pela necessidade do uso intensivos e agroquímicos ou por motivos associados a oscilação nos preços que é o caso do abacaxi.

Nesse processo, os *atores simbióticos* contribuem diretamente para desterritorialização desses alimentos, uma vez que atuam diretamente como intermediário no processo de comercialização desses alimentos com a Cooperativa Pindorama, é o caso dos alimentos indicados na figura 02 abaixo. Os *atores simbióticos* são filhos de colonos do assentamento Colônia Pindorama vinculados a cooperativa e atuam como atravessadores/intermediários para outros agricultores familiares não vinculados a cooperativa. Realizando o processo de compra e transporte de alimentos. Visando atender as demandas das agroindústrias da Cooperativa Pindorama com alimentos com baixa produtividade interna (Silva, 2023).

Esses atores criam canais de comercialização importantíssimos para os agricultores familiares produtores de alimentos. O alcance de suas ações está intimamente atrelado às demandas da cooperativa, chegando a intermediar compras de alimentos em vários estados da região Nordeste. Contribuindo diretamente para reterritorialização de alimentos em vários territórios alimentares. Quando firmam parcerias, garantem a compra da produção e o acesso ao canal de comercialização restrito aos sócios colonos do assentamento. Essas são apenas algumas

das relações de poder identificadas nos espaços de poder e citadas na figura 02 abaixo. Nesse caso, os agricultores familiares e demais atores presentes nos espaços de poder dedicam suas vidas à construção de relações e instituições envolvidas em processos de *contramovimentos*. Tornando-se agentes de mudanças efetivas, transformando desertos alimentares em territórios alimentares diversificados.

Figura 02 - Alimentos, espaços de poder e território alimentar no Território dos Tabuleiros Sul alagoano



Fonte: Elaborado pelo autor.

As informações apresentadas na figura 02, acima, trazem as relações atreladas às dinâmicas alimentares e espaciais nos espaço de poder. Tendo na formação do **poder visível** o fio condutor para o fortalecimento das dinâmicas e relações de poder. Determinando como essas relações são construídas e estão associadas ao sucesso do processo de cooperativismo criado nesse território. A diversificação e heterogeneidade dos processos de produção e beneficiamento dos alimentos determinam os canais de comercialização e mercados acessados pela cooperativa Pindorama. Outras relações e dinâmicas estão presentes nas formas de **poder**

oculto e poder invisível. Demonstrando as tendências e processos que foram originados na fundação do assentamento, que pouco podemos aprofundar nesse momento.

A presença do controle e domínio sobre as instituições, recursos e atores demonstrou-se estarem vinculados aos conflitos e relações históricas presentes na região e território. O acesso às informações e dados produzidos são pouco publicizados demonstrando uma baixa governança dos processos. No entanto, essa tendência é compreensível, pois o território dos Tabuleiros Sul de Alagoas é dominado e controlado desde sua formação por oligarquias e elites agrárias ligadas a monocultura da cana-de açúcar. A formação de assentamentos rurais não é tarefa simples, nem tão pouco interessante para o Estado e esses atores, trata-se de um processo de *contramovimento*.

Outra questão importante faz referência aos espaços de poder que integram os projetos associados ao processo de territorialização de alimentos a partir das parcerias com empresas públicas de pesquisa. Vale destacar que, todas as relações de poder identificadas e expostas no figura 02, estão diretamente atreladas à criação, manutenção e expansão dos territórios alimentares e mercados agroalimentares. A criação de espaços ligados à produção de hortas orgânicas, feiras de produtores orgânicos e colonos são iniciativas que integram os *contramovimentos* nesse espaço de poder.

A criação dos **espaços (fechado, convidado, reivindicado/criado)** fazem referência direta aos processos e questões inseridas dentro das discussões das NGA. O acesso e transformação dos espaços e lugares em áreas produtivas e de beneficiamento dos alimentos. Criam *contramovimentos* a partir dos processos de comercialização (compra e venda) de alimentos *in natura* e beneficiados. Atrelados ou não as instituições, normas e regras vigentes nesse espaço de poder.

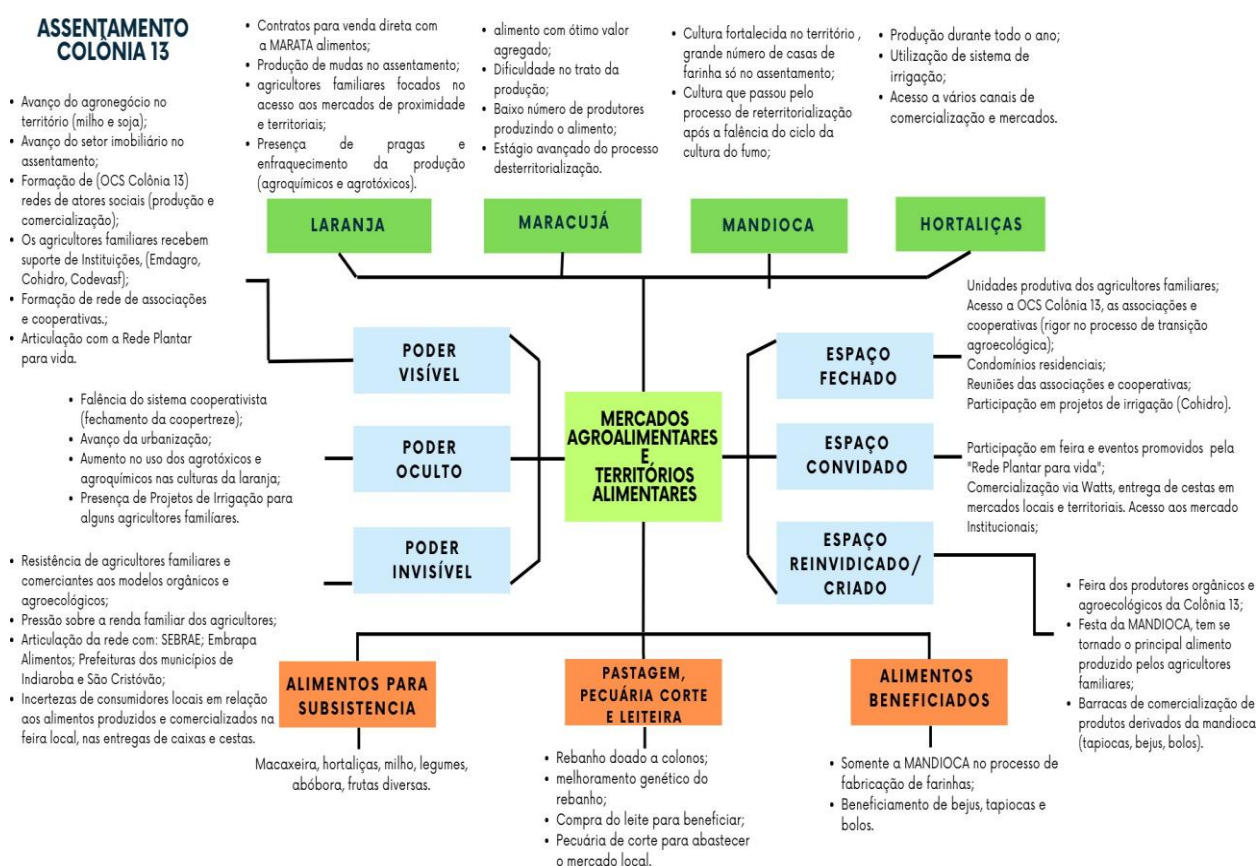
O assentamento Colônia 13 representado na figura 03, localizado no município de Lagarto, Sergipe. Apresenta algumas similaridades com o assentamento Colônia Pindorama, porém com resultados totalmente diferentes. A presença de uma maior diversidade de atores em seu território é uma de suas características. Os movimentos sociais, as organizações da sociedade civil (cooperativas e associações) e empresas públicas (Codevasf, Cohidro, Emdagro, Emater) são exemplos. Em vários aspectos isso significaria ações e processo garantidores de espaços de poder legitimados por contestações voltados a criação *contramovimentos*.

As diferentes dinâmicas e relações de poder identificadas desde a formação desse espaço de poder, partem da territorialização das culturas agrícolas (fumo) e alimentares (laranja, maracujá, mandioca e hortaliças). No caso da cultura do fumo, ela exerceu forte influência no território a partir da presença da Coopertreze (Cooperativa fundada pelos assentados). Porém,

após o seu colapso, falência e fechamento, a cultura do fumo entrou em declínio e foi desterritorializada, dando lugar às quatro culturas alimentares identificadas na figura 03 abaixo.

Porém, a falta de um sistema cooperativista eficaz e regido por relações e processos transparentes e uma gestão eficaz para unir e organizar os produtores, provocou o enfraquecimento dessas culturas e do assentamento rural. Fortalecendo *movimentos* que são impulsionados pela ausência de aliados e parceiros sérios, inseridos dentro dos processos de produção, beneficiamento e comercialização desses alimentos.

Figura 03 - Alimentos, espaços de poder e território alimentar no Território Centro-sul sergipano.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Como destacado nas informações referente a formação do **poder visível, oculto e invisível** na figura 03. Primeiro, os processos de *contramovimentos* têm sido conduzidos por atores (agricultores familiares e pequenos comerciantes de beira de estrada e organizados em uma pequena feira agroecológica) que lutam dentro e fora desse espaço de poder. Os processos de *contramovimentos* são formados por atores que representam grupos de produtores, comerciantes e consumidores organizados a partir do compartilhamento de redes de comercialização e associações formadas por seguidores e entusiastas da agroecologia. Trata-se

de uma forma de contribuir para compreensão das dinâmicas, relações e ligações estabelecidas nas rotinas cotidianas presentes nos processos de produção, beneficiamento e comercialização dos alimentos e nas ações e relações dos atores em redes e em “Mais e Melhores Mercados”.

Uma vez que, esses atores estão organizados e articulados a partir das relações de poder e dinâmicas inseridas nos **espaços (fechado, convidado, reivindicado/criado)**. Outro ponto a ser levado em consideração é que empiricamente foi constatado que muitos dos movimentos sociais e organizações incluídas nos processos de formação do assentamento rural e na constituição das territorialidades dos alimentos foram desarticuladas. Esse processo também integra estratégias de corrupção de gestores, baixa governança, motivando o avanço da monocultura do milho associadas aos *movimentos* de expansão agrícola no Nordeste.

A forma de poder presente nesse espaço que surpreendeu, pela sua velocidade e transformação imposta ao espaço, é o **poder visível**, conforme descrição na figura 03 acima. Esse processo está ligado à formação de *movimentos* internos. O setor imobiliário é o que impõem maior transformação, a partir da construção de condomínios residenciais. Transformando as unidades produtivas em pequenas propriedades “sítios e/ou chácaras” destinadas ao lazer e ocupação de finais de semana. Esse fator tem potencializado o processo de desterritorialização dos alimentos (laranja, maracujá e os tubérculos) presentes nesse espaço de poder. Para a formação dos *contramovimentos*, é factível a vontade e militância atribuída aos atores e redes envolvidas nos processos de produção e comercialização dos alimentos agroecológicos.

Quanto a formação dos *movimentos* estimulados pelo **poder oculto** e o **poder invisível**, são *movimentos* desarticuladores que resultaram na falência da Coopertreze e o fracasso do cooperativismo território. As incertezas compartilhadas por produtores e comerciantes servem para estimular a geração de *contramovimentos* que se articulam com diferentes empresas públicas para estimular a produção de novidades.

Nesse espaço de poder os mercados agroalimentares se provaram ser os maiores mecanismos de produção de *contramovimentos*. Uma vez que, a (re)territorialização de alimentos orgânicos como a laranja, maracujá, acerola, legumes e hortaliças mostraram grande potencial na formação de novos canais de comercialização, no acesso a mais e melhores mercados. A formação e acesso a redes de comercialização de produtos orgânicos e agroecológicos tem provado exercer alta importância na formação de redes de consumidores. Com isso, nasce um embrião importantíssimo, o cooperativismo e associativismo idealizado e executado com diversidade, resiliência, heterogeneidade e governança utilizando canais de comercialização digitais.

5. Considerações finais

A análise realizada ao longo deste artigo demonstra que os alimentos operam como vetores de poder. O quais configuram espaços de poder fechados, convidados e reivindicados/criados, nos quais se manifestam tanto os *movimentos* de expansão capitalista quanto os *contramovimentos* de autopreservação e construção de autonomia e resiliência. A abordagem do cubo de poder, integrada às NGA oferece instrumentos teóricos e analíticos consistentes para compreender as disparidades e as alternativas presentes nos sistemas alimentares contemporâneos.

Nos dois assentamentos rurais analisados Colônia Pindorama (AL) e Colônia 13 (SE) foi possível identificar diferentes configurações das formas de poder visível, oculto e invisível. No assentamento Colônia Pindorama, predominou o poder visível associado ao sucesso do cooperativismo e à diversificação produtiva. Embora com manifestações de poder oculto e invisível relacionadas a processos históricos de controle e dominação.

No assentamento Colônia 13, o poder visível ligado ao setor imobiliário impôs transformações significativas, enquanto, o poder oculto e invisível se manifestara na falência do cooperativismo e na desarticulação dos produtores de fumo e alimentos, as instituições públicas exerceram papel determinante na configuração desse espaço de poder, com destaque o acesso à água e os projetos de irrigação voltados a perímetros empresariais de cultivos de alimentos.

Por fim, ressalta-se que a compreensão dos espaços de poder e formas de poder usualmente pensadas a partir da análise da abordagem do Cubo de Poder. Nos espaços ocupados pelas cadeias agroalimentares globais são ampliados os processos de incorporação de as experiências de resistência e construção de alternativas presentes a partir da construção de territórios alimentares. Os desafios futuros envolvem explorar explicações mais aprofundadas sobre as dinâmicas alimentares e espaciais. O controle, a dominação e o poder exercido pelos alimentos nos espaços de poder, bem como o desenvolvimento de estratégias que fortaleçam os *contramovimentos* para ampliar a autonomia dos agricultores familiares e populações tradicionais a partir do acesso a “Mais e Melhores Mercados” para agricultura familiar.

Referências

- ANDERSON, C. R. et al. From local to global: the politics of food sovereignty. **Journal of Peasant Studies**, v. 46, n. 5, p. 895-911, 2019.
- DUPUIS, E. M.; GOODMAN, D. Should we go “home” to eat?: toward a reflexive politics of localism. **Journal of Rural Studies**, v. 21, n. 3, p. 359-371, 2005.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GAVENTA, J. **Power and powerlessness: quiescence and rebellion in an Appalachian valley**. Urbana: University of Illinois Press, 1980.
- GAVENTA, J. Towards participatory local governance: six propositions for envelopment. **Paper presented at the conference on Local Governance and Poverty Reduction**. Dhaka, 2003.
- GAVENTA, J. **Finding the spaces for change: a power analysis**. Brighton: Institute of Development Studies, 2006.
- GOODMAN, D.; WATTS, M. (Ed.). **Globalising food: agrarian questions and global restructuring**. London: Routledge, 1997.
- HINRICHS, C. The practice and politics of food system localization. **Journal of Rural Studies**, v. 19, n. 1, p. 33-45, 2003.
- LYSON, T. A. **Civic agriculture: reconnecting farm, food, and community**. Medford: Tufts University Press, 2004.
- MARSDEN, T. Creating space for food: the distinctiveness of recent agrarian development. In: GOODMAN, D.; WATTS, M. (Ed.). **Globalising food: agrarian questions and global restructuring**. London: Routledge, 1997. p. 169-191.
- PLOEG, J. D. van der; SCHNEIDER, S. Autonomy and the struggle for rural development. **Journal of Rural Studies**, v. 89, p. 1-10, 2022.
- POLANYI, K. **A grande transformação: as origens da nossa época**. 3. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2021.
- POMPEIA, C. **Formação política do agronegócio**. São Paulo: Alameda, 2021.
- RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- ROWLANDS, J. Questioning empowerment: working with women in Honduras. **Oxfam Focus on Gender**, v. 5, n. 1, p. 18-24, 1997.
- SCHNEIDER, S. Mercados e agricultura familiar. In: MARQUES, F. C.; CONTERATO, M. A.; SCHNEIDER, S. (Org.). **Construção de mercados e agricultura familiar: desafios para o desenvolvimento rural**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 91-116.
- SCHNEIDER, S.; ESCHER, F. A contribuição de Karl Polanyi para a sociologia do desenvolvimento rural. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 13, n. 27, p. 180-219, 2011.
- SHATTUCK, A. et al. The political economy of food systems: a review of concepts, methods, and policy implications. **Annual Review of Environment and Resources**, v. 48, p. 1-28, 2023.
- SILVA, J. H. Novas geografias alimentares e assentamentos rurais no Nordeste: movimentos e contramovimentos na construção de espaços de poder. Tese (Doutorado) – Universidade

Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, BR, Porto Alegre, BR-RS, 2023, p.188.

SILVA, J. H.; SHNEIDER, S. As novas geografias alimentares: produzindo territórios alimentares no Nordeste. (2025). *Revista Geografias*, 20(2), 1-21.

<https://doi.org/10.35699/2237-549X.2024.46549>

SONNINO, R.; MARSDEN, T. Beyond the divide: rethinking relationships between alternative and conventional food networks in Europe. *Journal of Economic Geography*, v. 6, n. 2, p. 181-199, 2006.

VAIL, J. The double movement and the dynamics of social order. *Journal of Economic Issues*, v. 56, n. 1, p. 202-221, 2022.

VENEKLASEN, L.; MILLER, V. **A new weave of power, people and politics**: the action guide for advocacy and citizen participation. Oklahoma City: World Neighbors, 2002.